

A FÉ PEREGRINA E O TURISMO RELIGIOSO: UM OLHAR PARA A SUA CONTRADIÇÃO

SILVA, Aguinaldo Donizete¹

RU 1330197

RESUMO

O presente trabalho ao olhar para a fenomenologia das peregrinações nas grandes religiões atentou-se não só para com os seus primórdios e evoluções, mas também para com a sua atualidade. Considerou-se características culturais distintas uma vez que se perscrutou diferentes povos e religiões, por conseguinte parecerão diversas as interpretações do Sagrado. Este estudo deteve-se um tanto mais na ineficácia do que vem sendo denominado como peregrinação na atualidade, já que a jornada foi transformada em deambulações, grosso modo vão sendo meras distrações no terreno da fé muito pouco ou nada voltadas para a jornada do espírito. Aquilo que seria uma aproximação frente ao divino vem se figurando como viagens de entretenimento, dir-se-ia ainda que, quiçá, o que se faz na maioria das vezes são idas aos lugares santos tão somente para se intimidar o Sagrado tornando-o utilitarista ou até mesmo um objeto de consumo por se objetivar um status; a vanglória de lá se ter ido. Apontando oportunamente as suas vias e os seus desvios buscou-se alguns possíveis caminhos condutores de reinterpretções induzindo a novas práticas. A abordagem almeja que se conscientizem os promotores desses deslocamentos de uma premente necessidade de se retomar o seu sentido. Para refletir sobre o Judaísmo, o cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo o estudo fundamentou-se na literatura do gênero, como também *sítes* alusivos às movimentações da fé.

Palavras-chaves: Religiões. Peregrinações. Turismo Religioso.

1 INTRODUÇÃO

O turismo costuma chamar de peregrinação toda e qualquer viagem que contenha um suposto teor religiosa promovida pelo segmento julgando-a exatamente como tal. No entanto esses deslocamentos deveriam ser chamados tão somente de Turismo Religioso posto que essas viagens não contemplam a essência do peregrinar que seria a do deslocar-se imbuído de uma intenção de transitar pela seara da espiritualidade. Esses deslocamentos são feitos sem nenhum foco no *religare*, que é o ligar novamente o homem ao divino, e ocorre que, não raro, o que mais parece haver é um culto à pessoa do sacerdote, o suposto guia, uma vez que

¹Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso. 2º Semestre-2020.

esse vai sendo, sem dúvida, uma peça importante no chamariz da viagem, o que denota um aspecto absolutamente comercial infiltrado nessa espécie arreligiosa de peregrinação.

Esses deslocamentos feitos em grupo não favorecem em nada a contemplação, o silêncio, a superação das adversidades, todo um estado de alma necessário, adequado, conveniente, pertinente ao peregrino. Essas viagens são deficitárias no viés religioso uma vez que se olvidam da espiritualidade, favorecem sobremaneira, a dispersão. Logo atenta-se que é premente uma análise se há, efetivamente, algum residual de peregrinação neste tipo de turismo. Ao que parece não há, haja vista que na sua totalidade vem sendo um deambular anulador do sentido da peregrinação. O presente trabalho parte do significado inalienável do ato de peregrinar enquanto ato de fé. A fé em movimento presume que se siga para um lugar devocional com um espírito elevado de devoção.

Considerando que a prática universal da peregrinação não é exclusiva dos católicos buscou-se nas outras denominações cristãs bem como nas outras religiões encontrar-se este referencial: a elevação do espírito como motivação, ou seja: nos deslocamentos ainda estará vigorando uma valorização sublime, prioritária da espiritualidade? Aparentemente não. Há que considerar-se, portanto, a espiritualidade como mandatória e é exatamente isso que sinaliza para uma atualização no propósito de que se justifiquem, possam essas viagens serem chamadas de peregrinações.

Não se pretende, de forma alguma, esgotar o assunto, muito pelo contrário: este estudo traz um convite para que existam pesquisas sobre a readequação dessas viagens peregrinas ou religiosas relacionando-as à sua finalidade, posto que o turismo, ao adentrar no terreno da fé, modificou o ato de peregrinar adaptando-o a um interesse de geração de renda, e isso foi resultando numa desfiguração do ato de peregrinar.

Reitera-se que a reflexão em questão deriva de observações pessoais em viagens dessa natureza. Elegeu-se o tema porque a fé em movimento é uma tradição de toda e qualquer religião, ao perceber que se não é a fé o foco, o que se faz então é turismo, já que essas viagens se desenvolvem por adentro dos espaços da fé julgou-se oportuno apontar o problema. A questão é: Turismo Religioso não é Peregrinação tal como Peregrinação não é Turismo Religioso. É o que se vai sustentar doravante neste estudo.

2 ANDAR COM FÉ

O homem carrega em si a nostalgia do Absoluto, o *nostos* e a *algia* decorrentes do paraíso perdido, essa é a sua condição (*nostos*: desejo de voltar para casa; *algia*: dor). A fé em movimento de algum modo atenuaria essa inquietação, todavia o quadro atual é em si inquietante.

2.1 AS ORIGENS

A iniciar-se, portanto, a investigação. Então, como é que isto se explica de o sagrado estar lá, acolá, alhures? Para uma maior compreensão há que se voltar aos primórdios da existência humana. No começo o homem não dispunha de uma religiosidade que o amparasse quer fosse para potencializar a sua caça ou para ampliar as suas chances de sobrevivência. No entanto foi exatamente por isso que ele foi fazendo um experimento do sobrenatural já percebendo que a sua vulnerabilidade lhe demandava uma “ajudinha”, sendo assim ele passou a captar eflúvios, oriundos, quiçá, de instâncias invisíveis, alçadas superiores, foi trazendo assim para o seu cotidiano divinizações ainda que não exatamente nomeadas, e essas lhe seriam muito úteis para poder enfrentar a precariedade dentro da qual se via e vivia.

Dessa aurora do sagrado ainda existem resquícios, ou seja: algumas cavernas, montes, rios, lagos, sacralizados porque foram considerados diferenciados. Seriam esses os lugares para onde ele se dirigia para buscar proteção, intermediação, favores. Não tardaria surgirem as edificações, a princípio os altares justamente pela posição tão mais alta que se encontravam, seriam utilizados para os cultos e os sacrifícios às divindades, mais tarde surgiram os templos, os espaços consagrados aos deuses, sendo estes tanto o lugar da moradia divina como o da sensação da sua presença, a assegurarem um estar mais próximo da divindade. Templum em Latim significa local sagrado, um lugar para a contemplação, ou seja: estar “com”, estar no templo presume uma conexão com o sagrado.

Lá se foi o homem contemplar e para isso ele se deslocaria. Esses lugares habitados pelo espírito gerariam um afluxo de pessoas atraídas pelo poder telúrico, místico, especial a eles atribuído. A fé foi surgindo assim em cada cultura, cada uma foi criando entre os seus mitos o seu sagrado.

2. 2 A FÉ EM MOVIMENTO

“Desde os seus primórdios a humanidade tem procurado compreender as forças da natureza, enquanto ia observando a dinâmica de sua interação com o meio ambiente ia também pondo-se a buscar um significado para a sua existência” (HITCHCOK; ESPOSITO,2009, p. 19). A peregrinação é em si uma metáfora da vida uma vez que o homem caminha em meio a diversos espaços enquanto vivo. Ademais peregrinar tem um aspecto salvífico, promovendo um refazer-se ao se superar os obstáculos. Neste sentido já se pode intuir o quanto os deslocamentos atuais são falhos: ao que parece foi mantido o aspecto de se mover para buscar favores, mas não reteve-se a espiritualidade, toda uma condição intrínseca à sua finalidade.

“A crença em deuses humanizados nos guiou como caçadores-coletores e dezenas de milhares de anos depois, nos levaria a trocar as nossas lanças por arados e o começar a plantar” (AZLAN,2018,p.46). A colheita sendo uma obra do homem, mas a se pedir às divindades uma “forcinha”. Da caça para o plantio e a colheita foi o homem se modificando como também foram modificando-se os seus deuses.

Os gregos julgavam-se acompanhados dos deuses que se misturariam às situações do cotidiano simulando serem pessoas comuns. Por conseguinte teriam as qualidades e os defeitos humanos, em razão disso favoreciam as pessoas ou “aprontavam” alguma artimanha. As estações eram explicadas através de Deméter, uma deusa essencialmente agrícola (inclusive a palavra cereal vem de Ceres, o seu nome romano) até que um dia a Grécia evoluiria do seu estado de subsistência e passou a reverenciar a deusa Atena, colocando-a no monte mais alto da cidade. Edificaram um templo para ela no *Parthenon* (Monte Sagrado) e o fizeram não mais para buscarem benesses na agricultura, mas sim para reverenciarem *in loco* a inteligência, que afinal era o que ela simbolizava. Inaugurava-se efetivamente um novo tempo da humanidade.

O caminho do simbolismo, o referencial do sagrado foi se formando lentamente, gradualmente em todas as culturas, neste particular é interessante observar-se o monoteísmo tal como surgiu no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo, a ponto da existência de um único deus ser o fundamento não só de cada uma, mas das três religiões, no que elas não se contrastam. Ressalte-se que o

Cristianismo trouxe para todos os povos a figura de Jesus que foi um peregrino por excelência. Levou uma vida deambulante, ensinando o desapego às raízes, viveu pondo-se na estrada pelo amor e o serviço a Deus e aos homens. Jesus falava tão mais ao coração do que à razão, por isso usava a parábola para pregar os seus ensinamentos. Judeu ele “não dissociava a sua história de Israel e do seu povo, ele propôs-se a fazer história dentro daquela história, dando-lhe uma nova direção (WALKER, 2006, p.10).

Fato é que, os judeus, segundo o relato bíblico do Êxodo, careciam de um contato direto com o seu Deus enquanto iam seguindo pelo deserto apáticos, claudicantes, em meio a muxoxos, era uma dispersão coletiva dentro de uma fé demasiadamente tibia, até ganharem um norteamento pelos mandamentos revelados por seu Deus. Doravante tão mais certos d’Ele enfrentariam a sua saga numa nova perspectiva de que o seu Deus os elegera e estava entre eles.

Afinal por onde anda o divino quando se o busca? Esse será o nosso ponto de partida para observar-se a peregrinação nas religiões, a iniciar-se a investigação prosseguindo pelo mundo judaico.

2.3 O JUDAISMO EM MOVIMENTO

O rei Salomão edificou um templo magnífico em homenagem a Javé, deste não restam nem mesmo traços, toda a sua magnificência foi perdida. Findo o Êxodo Javé, o unificador do seu povo, supostamente ali residiria. Entretanto a glória de Jerusalém se extinguiria com a morte do rei e Israel seria dominada pela Assíria, mais tarde o domínio foi transferido para os babilônios, que por sua vez arrasaram o Templo inaugurando assim o Exílio. O Judaísmo se fez na estrada, os seus símbolos maiores: a Arca da Aliança e a Torá foram feitos para serem transportados.

O Pentateuco é um ir e vir feito de inúmeros deslocamentos. No século I AC a hegemonia do poder estando a cargo dos romanos levou Herodes a erguer um segundo Templo, exatamente no mesmo sítio do anterior. Lá eram oferecidos os sacrifícios a Deus. No ano 70 Tito atacou Jerusalém ordenando que o Templo fosse destruído, só o muro ocidental foi poupado. Até hoje os judeus para lá se dirigem, levam consigo pedidos escritos em papel e os inserem nas fendas do Muro das Lamentações, onde eles oram e reverenciam o seu Deus, julgam que ao se

aproximarem do Templo mesmo sendo hoje não mais que um residual do que foi um dia se aproximam tão mais d'Ele.

Enquanto isso circula naquele ambiente uma horda de turistas ávidos de registrarem a sua passagem por lá, transitam sem prestarem nenhuma reverência não apresentam nenhuma reverência para com a atmosfera judaica e religiosa do lugar, importa é o registrar que lá se foi. Não há nada mais incoerente do que ostentar “*selfies*” sorridentes num ambiente demarcado pela lamentação. Esse é um lugar que preserva o aspecto identitário de um povo, marcado pela reverência, logo qualquer excursão que vá a Jerusalém deve levar em conta que aquele não é um “lugar de ostentação” do viajante só para referenciar a sua passagem e postar nas redes sociais a sua conquista. A diáspora judaica gerou judeus em toda parte do mundo e eles têm por este muro tanto quanto por Jerusalém todo um referencial de pertença, trata-se da territorialidade máxima do seu sagrado, é muito fácil perceber se quem lá está em visita é judeu ou não, exatamente pela postura, o como se põe defronte ao símbolo.

O símbolo comunica o sagrado e conduz o indivíduo ao transcendente. Neste sentido o símbolo é uma mediação entre o *Homo religiosus* e o transcendental (Rangel, aula 4, p.3). “O fenômeno religioso revela, por meio dos símbolos sagrados, a síntese do *ethos* de uma determinada comunidade” (GIL FILHO, 2019, p.44). O símbolo é um capital simbólico, não se pode migrá-lo ou querer se fazer ser dele um objeto de consumo transitório. Afinal que motivação teria levado alguém a aquele muro? O *Homo religiosus* certamente o tem como portal para o divino já o *Homo faber*, ou se calhar, melhor chamá-lo de *Homo viaticus*, o terá como um cenário passageiro, aquele muro lhe parecerá tão passageiro como ele que encontrava-se ali apenas de passagem.

O povo judeu peregrinou desde os seus primórdios. A sua peregrinação, a sua jornada para a Terra prometida é, sobretudo, um referencial de pertença. Uma noção de nação que os faz reconhecerem-se dentro da sua própria história. E aquele muro é para eles o lugar derradeiro de encontro com o sagrado. Ainda que bem se saiba que este não se fixe a nenhum lugar. Fato é que o muro é o símbolo permanente e *in situ* da divindade. Não deve, portanto, ser o alvo do “*click, clack*” dos ditos “peregrinos”, aliás, pessoas na sua versão turística de peregrinação que o desconsideram, tão mais ávidos por fotografias a quererem exhibir os seus sorrisos largos em visitas apressadas onde nem mesmo convém sorrir.

2.4 O ISLAMISMO EM MOVIMENTO

Os muçulmanos também têm Jerusalém como referencial do seu sagrado, a Al Aqsa é o maior edifício de toda a cidade, e essa mesquita com o seu domo azul se plasma no horizonte em meio às torres das igrejas cristãs ou as sinagogas, sem estranhamentos, pelo contrário: soma-se ao cenário de uma cidade cuja territorialidade é por demais sagrada para as três religiões.

Ocorre que o profeta Maomé teria sido levado em sonho pelo anjo até a cidade de Yerushalaim: a cidade da paz. Sendo assim Jerusalém é tão sagrada para o Islã como o é para os cristãos e para os judeus.

O *haji*, a peregrinação é um dos pilares do Islamismo, aqueles que possam fazer a viagem devem pelo menos uma vez ir à Meca. Um lugar que muitos muçulmanos afluirão passados 60 dias do Ramadã onde dedicarão cinco dias para a oração e a adoração. Na sua peregrinação eles dão sete voltas em torno da Caaba, a pedra negra sagrada embutida num debrum de prata e que tem uma altura de 2 metros, a sua base é beijada à cada volta.

Antes de Maomé cada tribo beduína, nômade, adorava os seus deuses próprios. O que os unia era a caminhada para a Caaba para onde eles peregrinavam e adoravam Al Allah, o Criador Supremo. Aos 40 anos Maomé retirou-se numa caverna buscando um refúgio para meditar, lá teria interagido com o anjo Gabriel que lhe passava o que seriam as escrituras, aquelas que constituiriam o Alcorão. O Islã significa literalmente rendição, é um termo associado à paz e a reconciliação, tudo começou em Medina onde o profeta escapara da fúria dos mercadores rechaçados por ele que criticava toda aquela prática comercial desfigurando a essência do lugar santo.

O experimento de se fazer uma peregrinação a Meca é essencialmente muçulmano, a Arábia Saudita, inclusive, “dificulta” os vistos de permissão de turistas, não carece da sua presença como meros observadores à época do *haji*. De fato não condiz em nada com a sacralidade do evento sair fotografando uma fé que não é sua, aliás, eles nunca se fotografam uma vez que na sua cultura entende-se que criar a forma humana é um privilégio de Deus e não cabe ao homem reproduzi-la. Logo nem nas suas mesquitas há representações do humano e sim desenhos geométricos, caligrafias, elementos decorativos, relevos, representações que elevam ao divino.

Conta que Ali Shariati, um filósofo e sociólogo iraniano assim se referiu à sua peregrinação:

À medida que contornamos e nos aproximamos da Caaba, sentimo-nos como um pequeno regato que desemboca num grande rio. Arrebatados por uma onda, perdemos o contato com o solo. De repente começamos a flutuar, levados pela torrente. Ao nos aproximarmos do centro a pressão da multidão nos aperta de tal modo que recebemos uma nova vida.(HITCHCOCK; ESPOSITO.2009, p. 352).

2.5 O CRISTIANISMO EM MOVIMENTO

Lutero que pregava a salvação pela fé e não pelas obras referiu-se à veneração dos lugares sagrados como algo execrável, uma fonte de lucros e de má fé de alguns em relação à boa fé de outros. A peregrinação foi um dos principais temas com os quais ele se debateu, condenando-a frontalmente. Não é comum haver peregrinos cristãos entre os não católicos, há por vezes fiéis das igrejas reformistas que se organizam em grupos de viagens à Terra Santa com propósitos de estudos, fazem explorações bíblicas, tão somente. Os ortodoxos têm a prática de quando velhos visitarem Jerusalém, fazem-no antes de morrer, aspirando uma antecipação da Jerusalém celeste.

Em se tratando das peregrinações católicas logo se pensa em Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela, há também as de visitação a algum memorial dos santos, o mais comum são as idas aos santuários marianos.

Jerusalém é para o cristão o alvo máximo das peregrinações e isso vem desde os tempos das cruzadas, todavia a cidade que hoje se visita pode causar estranheza. Todos os lugares associados à vida de Cristo em verdade contém uma sombra de dúvida, não há uma autenticidade garantida. Ademais uma algaravia mundana avança pelo que seria a Via Dolorosa, aquela que foi concebida por Helena ao demarcar os lugares pressupostos da passagem de Cristo pela cidade. Ao longo de toda a rua lojas “poliglotas” oferecem lembrancinhas, coisas que se levará de um lugar que mal se viu e nem será possível um dia recordar com clareza. Como nem só de Jerusalém é feito o memorial cristão, decerto haverão sítios outros de inspiração bíblica por onde as pessoas transitam, sempre apressadas pelo guia e pelo motorista do ônibus. Nos semblantes vai pairando um misto de cansaço e de

incredulidade por lá estarem. São sempre muitas as paradas e uns poucos minutos para se “ver” alguma coisa.

Roma por sua vez desde que Constantino findou a perseguição aos cristãos virou alvo de peregrinação, até porque para muitos seria tão mais próxima, sendo assim a viagem custaria bem menos. Lá jaziam Pedro e Paulo a aproximarem o peregrino tão mais de Jesus. Para BELLOC: “Os dois caminhos para Roma eram um só: O caminho físico e o metafórico coincidem” (apud SOUDEN, 2007, p.37), disse-o referindo-se ao ditado: Todos os caminhos levam a Roma. Em Roma o “*Pellegrino*” aspirando milagres persignava-se diante das inúmeras relíquias encontráveis nas suas tantas, inúmeras igrejas. A cidade papal acumulara muitos artefatos sacros como também as catacumbas oriundas dos tempos das perseguições e dos tempos dos martírios seriam um motivo a mais para peregrinar até Roma.

Roma contém em seu território, inclusive, uma nação, ou seja: o Vaticano, cuja praça em forma de abraço pode “abraçar” 250 mil fiéis. Por ali frequentemente há um mundo de gente que se aglomera para assistir as bênçãos expedidas pelo Papa na hora do *Angelus*, ou como acontece na Páscoa ou no Natal para a bênção especial *Urbi et Orbi* (da cidade para o mundo). Lá se misturam os peregrinos e os turistas, a diferença entre estes é perceptível: o peregrino caminha soturno, silencioso, nunca carrega coisas consigo; já o turista finda a bênção segue direto para as lojas de lembrancinhas, e o faz invariavelmente falante, espalhafatoso. A cidade, por sua vez, tem um trânsito frenético e apresenta uma secularidade nada favorável à busca de espiritualidade o que faz com que qualquer peregrinação seja uma peleja entre a sua espacialidade histórica preservada e a sua contemporaneidade. Roma é por isso um destino muito mais turístico do que de peregrinação na atualidade.

Já Santiago de Compostela onde supostamente encontram-se os despojos do apóstolo Tiago Maior, essa é essencialmente voltada para os peregrinos, sejam aqueles que andam pelos caminhos que para lá seguem ou os “peregrinos” que descem dos ônibus despejando euros e mais euros no comércio, nos restaurantes e nos hotéis. Esse cobiçado destino de peregrinação a princípio seria atingido pelo famoso Caminho de Santiago, aquele que vem da França, mas em verdade os caminhos são muitos. Entretanto, afinal, todos eles se juntam na chegada.

Por vezes os caminhos usados por aqueles que para lá seguem caminhando passará pelas estradas principais, vezes outras cruzará pastos, pântanos, aldeias;

ao longo do percurso há muitas sinalizações tais como as setas amarelas ou o símbolo da vieira a indicarem o caminho. Para efeitos de guiarem o peregrino é comum encontrar-se também as seguintes frases “Permanece em ti” atribuída a Lao Tsé, a indicar que a viagem é interior e não exterior, bem como “Caminhante não há caminho, o caminho se faz caminhando” do poeta Antonio Machado incitando a uma transformação advinda do empenho, de fato alguns peregrinos atingem um estado de *metanoia*, aqueles que caminharam com fé.

Quanto aos caminhos outros da fé católica destacam-se Fátima, Lourdes, La Salette, Guadalupe, Luján, Medjugorge, Aparecida, entre outros tantos sítios de devoção mariana. Fátima, em Portugal, já no seu portal de entrada faz a sua distinção apontando como quer ser vivenciada: “Aqui termina o turista e começa o peregrino”. Esse é um lugar para a prece, uma promessa, serenado, pleno de favorecimento à espiritualidade, destinado à peregrinação na sua função *ad hoc*. O santuário se situa numa cidade pequena, tranquila, que vive do segmento do deslocamento religioso dos peregrinos oferecendo conforto e acolhimento ao visitante, parecendo ser também um lugar aprazível de se morar.

Já Aparecida tem no Santuário Nacional, inaugurado em 1980, um espaço de fé com um conforto inquestionável, mas não é esse o quadro rotineiro dos seus moradores. Funciona como uma cidade dentro da cidade, que tem uma rodoviária precária, calçamentos em péssimo estado, edificações de estética duvidosa, leitos clandestinos, um comércio de baixa qualidade e as vias públicas quase sempre congestionadas pelo trânsito. Um lugar de boa fé só que de passagem, ademais a fé na cidade parece exageradamente banalizada de tão ‘comercializada’ que é. Ainda assim pelo caminho há frequentemente romeiros que vencem distâncias, enfrentam obstáculos, avançam movidos pela fé, o que lhes confere uma proporção de fé um tanto mais fidedigna. Romaria é uma peregrinação que se faz mais próxima, sendo assim Roma endossa-a quando se está longe de Roma.

Aprofundando oportunamente os conceitos de peregrinação e romaria conforme indica o Dicionário eletrônico Houaiss: “O vocábulo *peleger*, aquele que viaja ao estrangeiro, em italiano tem o sentido de mendigo, miserável: *peregrinulus*; *peregrinitas* seria aquele que teria uma condição de estrangeiro, *peregrinabundus* aquele que percorre terras viajando”(MARINHEIRO, 2010).

O Cristianismo se fez na estrada, Jesus viveu em permanente mobilidade, ele havia que estar aqui, ali, acolá, tinha uma missão a cumprir. Nasceu num estábulo

logo fora de casa, os seus pais fugiram para o Egito, exerceu o seu ministério deslocando-se, ainda que circunscrito à sua nação. Seguiu-se a sua missão que foi levada adiante em terras outras pelos apóstolos, sobretudo por Paulo, através dele atingiu-se a universalidade da mensagem e isso ocorreu devido à influência do império romano. A Igreja que foi surgindo entendia-se essencialmente peregrina e ainda é. Cabe ressaltar que o Papa Francisco bem alerta: ‘Não sejam turistas religiosos’ aludindo na audiência geral de 21 agosto em Roma de que não se faça turismo ao buscar a Igreja, nem cabe à Igreja fazer turismo.

A grande questão é que a conotação de viajante com propósitos de peregrinação tal como vai sendo exercida mais parece uma ficção de *peregrinatio*, substituindo o seu significado com más práticas e proporções alheias ao legado que Cristo deixou como norteamento de vida. Uma inflação de ego, niilismo, imediatismo, de consumo, de indiferença ao Evangelho, um exagero de ostentação e opção pelo lazer foi transformando amiúde o que seria um patrimônio da fé em um embuste.

2.6 O HINDUISMO EM MOVIMENTO

É comum nas famílias adeptas do hinduísmo haver um lugar reservado na casa, a melhor dizer: um altar destinado à entidade escolhida, há ainda outras divindades, fotos de gurus ou dos antepassados e também um jarro de água, um incenso, uma vela, onde todos se reúnem diariamente. A esse contato com o divino eles chamam de *darshana*, que significa literalmente: ver o divino. Entretanto os indianos são movidos também pelo experimento do divino fora de casa, visitam o sagrado para praticarem os seus atos de adoração exercendo peregrinações ao dirigirem-se para os locais sagrados. Em toda a Índia são inúmeros os templos tal e qual inúmeras são também as suas divindades.

Os santuários mais concorridos são aqueles que existem ao longo da costa indiana e nos vales dos rios onde ocorrerão as abluções, ou seja: os banhos de purificação. E para ver essa comunhão com os deuses afluem muitos forasteiros, seja por curiosidade ou porque ficam encantados com aqueles ritos que não compreendem. Muitos peregrinos, alguns deles nus, teriam caminhado distâncias inumeráveis e ao chegarem ao rio banham-se. Especialmente Varanasi, uma cidade que se situa na confluência do Varuna com o Ganges, o mais importante local de peregrinação do Hinduísmo.

O viés religioso hindu não se trata exatamente de uma religião, parece multifacetado, porém é conciso em ensinamentos no que é também um estilo de vida. Até a Suprema Corte em 1995 assim o compreendeu que as crenças e os conceitos religiosos reunidos tornaram-se ao seu modo os fundamentos de toda a nação. “Na verdade, o hinduísmo não se limita às características de nenhuma religião ou credo”, atesta-o Fortino, 2014 apud RÜPPEL JUNIOR, 2020). E se aponta para um *modus vivendi* este “Não é um estilo de vida qualquer, mas sim uma vivência que conseguiu integrar e manter em atividade inúmeras práticas sagradas” (idem, p.45). Logo mitos milenares são mantidos e trazidos às celebrações e podem ser observado tal como eram. Todavia certamente serão compreensíveis para aqueles que são da cultura indiana uma vez que há nuances nos ritos sagrados que são integradas ao dia-a-dia, há toda uma dinâmica social que contempla a vida, as questões do seu povo.

Afinal o que há em comum entre o peregrino hindu e o “turista religioso” que busca perscrutar dentro de um cenário de exotismo o registrar-se naquela viagem, todavia, sem embriagar-se de uma religiosidade que não é a sua? É comum os agentes de viagem oferecerem temporadas nos *ashrams* (vale o alerta: nada de celular, há que se acordar muito cedo, lavar banheiros, pôr-se em orações contínuas...) ou por vezes oferecem visitas “peregrinas” aos inúmeros templos. Mas afinal é possível “peregrinar” nas manifestações da fé de uma outra cultura? Pode o forasteiro se sentir bem quando lhe é retirado o conforto, o ego, todas as suas certezas num *ashram*? Esse é um ponto de reflexão que arremete novamente à questão de se há possibilidade de se fazer peregrinação dentro da forma aleatória tal e qual nos é anunciada pelo turismo.

2.7 O BUDISMO EM MOVIMENTO

Mesmo não sendo exatamente uma religião e muito mais uma filosofia de vida o budismo compreende a peregrinação como um movimento adequado, coerente com os seus princípios. Embora acreditando que somente Buda e os *bodhisatvas* conseguem o mais alto grau de iluminação os budistas dedicam-se, buscam pacificar a sua mente, neste aspecto certamente a contemplação pode favorecer em muito este intuito.

No Japão o Budismo se funde com o Xintoísmo por questões históricas, nos festivais eles levam o *shintai* pela cidade que ele preside para vê-la. Ninguém o vê, nem mesmo o sacerdote. “A tarefa compartilhada lembra os homens da sua dependência entre si” (Colli, 2019, p. 20).

O Cambodja por sua vez dispõe das ruínas remanescentes do que foi ao seu tempo uma capital religiosa que se desgastou abandonada que esteve em plena selva, ou seja: aquilo que resta de Angkor Wat. Esse conjunto reúne deuses hindus, *bodhissatvas* e Budas em inumeráveis esculturas e o surpreendente é que são mais de cem templos, no seu todo é um complexo religioso abandonado. O turismo, ao seu modo despojado de sacralidade o aponta como um “*must visit*”.

A mensagem budista chegou à China no século I, amalgamando-se ao Confucionismo já existente e esse é, sem dúvida, um tecido religioso bastante intrincado, mas que se complementa. Para Confúcio o isolamento tal como o do monasticismo não fazia sentido algum, importam as relações interpessoais na busca do caminho superior, o Tao (a Harmonia) presente no ambiente no qual se está inserido. Ele dizia: Mostre respeito pelos deuses, mas mantenha distancia (idem p. 142). As montanhas consideradas morada dos deuses são objeto de peregrinações para alguns, outros não.

Os budistas não adoram imagens, nem pedem favores terrenos a elas, entretanto o Buda é tão reverenciado que por lei trazê-lo para fora do país à guisa de souvenir é proibido. No Tibete há milhares de mosteiros budistas e configuram uma amalgama bastante interessante de influencia tanto chinesa como indiana. Os monges ressoam um canto num tom quase inaudível quando estão em meditação, a oração é contínua, por vezes ressoam sinos e gongos. Fazem ainda mandalas coloridas em conjunto e depois as dispersam, um gesto que demonstra desprendimento e que também acena para com a transitoriedade.

A Indonésia tem no complexo de Borobudur um paralelismo sem igual quanto aos ensinamentos de Buda para os peregrinos. Ao longo do caminho há galerias inferiores que representam as esferas do desejo e as galerias superiores representam um estágio mais além das preocupações terrenas. As esculturas representam a peregrinação pela vida em direção à iluminação, o até se chegar a não forma, o Nirvana. Borobudur foi abandonada no ano 1000 devido a uma explosão vulcânica e ficou sepultada pelas cinzas até o século XX quando foi redescoberta. O turismo logo se apoderou da novidade e o sitio logo passou também

a ser um “*must visit*”. Sem nenhuma sacralidade é um pacote turístico vendido como destino exótico no mundo inteiro.

A Coréia orgulha-se de ter o Santuário de Yongjuk-san, templo em que o peregrino tem de atravessar uma ponte na qual não sopra o vento, a mais parecer um estado tão mais próximo do divino, há ainda o Santuário de Sokkuram, um complexo de grutas, ao nele se entrar surge um corredor estreito com reis celestiais enquanto lá pelo chão encontram-se os demônios. Ao final o peregrino (ou o visitante) se depara com um cercado de *boddhisatvas* que o cerca. Visitá-lo é reviver a experiência dos monges no país há 15 séculos atrás, entretanto também este é superficialmente explorado sendo uma mera atração turística.

O Nepal tem Lumbini, onde nasceu o príncipe Sidharta, o Buda. Local sagrado de peregrinação para os budistas do mundo inteiro, em verdade é um conjunto formado por vários templos. Não tão longe dali, já na Índia, encontra-se o lugar onde ele recebeu a iluminação, mais exatamente em Bodigaia como também onde morreu: Kusinagara. São centros de peregrinação de certo modo não ainda tomados pelo turismo de massa porque são considerados sagrados, sendo mais específicos para os budistas.

A Tailândia é pródiga em templos, Bangcoc brilha com as suas coberturas douradas e mais ao norte do país em Chiang Mai e Chiang Rai estão a maioria deles. Os monges que vivem da caridade das esmolas e das doações interagem de algum modo com os turistas, mas preservam os seus momentos reservados à meditação. A interação não perde de vista o Caminho do Meio que é a própria descoberta e a definição de Buda para o existir e que se consiste da visão correta, a intenção correta, a fala correta, a ação correta, o viver corretamente, o esforço correto, a atenção correta, uma concentração correta. Equalizar o eu com os outros, apreciar o outro, exercer um amor incomensurável e universal reconhecendo sempre a interdependência dos seres vivos. Decerto não são essas grandes questões para a maioria dos turistas logo os templos apinhados de visitantes do mundo inteiro de certa maneira “profanam” a sua sacralidade com a invasão da turba numa estonteante avidez de *selfies* ou de se adquirir lembrancinhas, quer-se é o registro do orgulho da viagem e se a faz em meio a toda uma desorientação cultural e religiosa, invasões feitas apressadas, entre conversações feitas em voz alta, justo nos lugares que primam pelo silêncio. Esses pacotes de destinos são oferecidos pelo turismo, basta dar uma olhada nos folhetos e catálogos das agências.

Gil Filho (2012, p.23) ressalta que Schopenhauer assim dizia: “O mundo é minha representação.” O monge vê o templo diferentemente do que vê o forasteiro. Representam-se diferentemente porque percebem a representação do símbolo distintamente.

Num sentido amplo o monge não se perde no seu propósito já o turista, este se perde inteiramente na ênfase que dá a si próprio logo a nada enxerga, em nada se supera enquanto circula naquele ambiente, a máxima vai sendo o si próprio, decorado pelo exotismo e sendo assim o cenário é registrado em camadas egóicas: em infinitas poses ou mesmo ao se buscar infinitas posses, levar consigo o triunfo concreto da banalidade, o vazio no qual ele a tudo persegue expresso em coisas. Nada é menos coerente em relação ao budismo do que o triunfo do ego.

2.8 ITINERÁRIOS DA FÉ

A manifestação do sagrado fundou ontologicamente a humanidade sendo invariavelmente uma raiz que não se esgota, que advém do homem primitivo e que nunca será substituída (ELIADE, 1992). O que se faz muitas das vezes é desacralizar o sagrado ao julgar-se estar meritório e sempre sob as suas benesses.

Ainda sobre a palavra Peregrino, explorando o seu viés histórico: Essa deriva do latim *Peregrinus*, dantes associada ao estrangeiro, aquele que vinha de fora, em oposição a *Cuius*, aquele que seria o de dentro, a dispor de plenos direitos civis. Ganharia a conotação de viajante com motivação religiosa somente no século IV quando o imperador Constantino assinou o Edito findando a perseguição aos cristãos e foi abrindo caminho para a prática de se visitar, venerar as relíquias dos mártires, onde houvessem. As relíquias mantidas em seus sítios memoriais acompanharam toda a história cristã, o seu ápice foi no período medieval com o surgimento das catedrais e o advento dos santuários, atraindo levas de peregrinos.

A veneração não é tributada somente à relíquia enquanto objeto em si mesmo, mas à pessoa da qual procede, afinal ela só se sustenta com relação a Cristo, com quem o santo se conformou pelo seu testemunho de vida e de morte (NUNES Jr. 2013, p.15). O nicho de relíquias cristãs é um tesouro testamental da Igreja, que não está isento de atrair uma verdadeira parafernália comercial, logros e vicissitudes, o substantivo *reliquiae* provém de resto, aquilo que sobrou (ibidem, p.78), e para o cristão só deve sobrar pelo testemunho do santo o Cristo. Levar

“balangandãs” “milagrosos”, bentos, não se trata de possuir um residual do santo pondo-o à serviço.

MARTINS (2017) conta que o Itinerarium de Égira, a narrativa de uma peregrina no século IV que viajou até a Terra Santa teria sido o primeiro registro feito por uma mulher. Como ela viajou imbuída de uma motivação religiosa acredita-se que era uma freira ou algo assim. É considerada uma peregrinação não só pelos lugares que visitou mas porque o seu relato foi permeado por uma rica catequese. Pouco a pouco os cristãos começaram a fazer o inventário de seus lugares santos construindo igrejas e oratórios para receberem as relíquias (MARAVAL, apud MARTINS 2017, p.28).

Viajar é um ato passageiro, é um estar de passagem por algum lugar. Sai-se da zona de conforto e do centro de si próprio, e supostamente esses deslocamentos vão deslocando todo o ser. As peregrinações contemporâneas posto que não são baseadas em renúncias resultam frequentemente em estranhamentos: viajando em grupos o intuito de permitir-se um desestressamento frequentemente culmina em vir a ser um novo estresse, não raro as irritações acumulam-se, uma vez que tantos egos em atrito vão descompensando os viajantes. Viagens em grupo não são nada propícias para uma peregrinação.

2.9 O QUE É E O QUE NÃO É PEREGRINAR

É próprio da condição humana estar a caminho, a sua tessitura e destino é, sem dúvida, o seu estar a caminho. Metaforicamente a mobilidade humana indica o seu percurso pela vida. “O seu itinerário simbólico culmina com o encontro do destino, perpassa o garante o desabrochar de uma inserção sua no espaço” (RIVIERE, 2008, p.38). O enredo deste tipo de percurso põe sempre o corpo e o espírito em situações de excepcionalidade por todo o seu decurso. Todavia a perspectiva de transcender, ou quiçá de meramente livrar-se da chatice do cotidiano incentiva.

A canção proclama: “Andar com fé eu vou que a fé não costuma falhar”. Na sua passagem Gilberto Gil convida a menina, a melhor dizer: convida o outro a fazer o mesmo. Convida a seguir à inefabilidade que o guia.

Entretanto andar com fé não é aderir a uma excursão que seguirá para um lugar religioso a usufruir-se de todo conforto sem nenhum esforço. O sagrado nunca se

mistura ao profano, eles são opostos. Há frequentemente uma negação recôndita da peregrinação, sobretudo se existe um aparato clerical guiando o grupo, incitando à cantoria, ao consumo das quinquilharias, o usufruto, a empreitada voltada ao lazer com loas, deslumbramentos e um querer aproveitar, sobremaneira, as atrações seculares do lugar. Não há uma imersão do grupo em orações silentes, nenhum zelo de evangelização agregado à jornada. Ocorre que muitos dos partícipes levarão toda sorte de represálias consigo, ou seja: múltiplas facetas de desdém, indiferença para com o outro, uma total falta de empatia e, se calhar, até mesmo de simpatia. E se o outro está tão mais imbuído de um buscar um encontro com o sagrado? “Quando não se percebe o outro o sagrado sofre uma insignificação desastrosa, ele perde inteiramente o sentido”. Harvey (apud Rieger, 2014, p.101). Funde-se assim o axioma Sartreano de que o inferno é o outro e isso é muito comum numa excursão. Rieger diz mais: “Por definição os turistas são invasivos e ignorantes dos seus arredores” (ibidem p.110). E ao ignorarem qualquer um coisificam-no, tornam-no expulsável, é um inconveniente empecilho a atrapalhar o desfrute daquela viagem que ele julga ser só sua.

Superar o narcisismo, o egoísmo para encontrar o divino no outro não é uma prática comum sendo assim viajar descontente nesse tipo de excursões é um risco. Falta o foco na espiritualidade. Rieger conclui: “Se o *motto* religioso, aquele que compreende o *reiligare*, for esquecido, a viagem não será só um infortúnio, mas sim uma busca disso. Em certo sentido até querê-lo “(idem p.131).

Portanto esses excursionistas que se julgam peregrinos não são mais que incursionistas de si próprios praticando um engodo, uma ficção de peregrinação. Cedendo ainda à avidez lucrativa dos promotores destas “incursões” que fatalmente exercem um desserviço a fé. Certamente os organizadores sabem que o resultante não será um encontro com o sagrado, mas sim um desencontro frequentemente irritante de pessoas, mesmo assim essa prática inadequada de juntar utentes sem lhes conferir evangelização, meditação, oração, silêncios, prossegue e vai sendo chamada de peregrinação.

Tomasi, citado por Rieger (2014) ponderou que se faz peregrinação dentro de uma busca religiosa, logo seria “uma viagem empreendida com fins religiosos e que culmina com uma visita a um lugar considerado ser um local de manifestação do sobrenatural, onde é mais fácil obter a ajuda divina” (p.67).

Há que se considerar que o turismo atento a esta expectativa humana entreviu um nicho formidável de mercado, prontificou-se a explorá-lo e logo foi passando a promover tais viagens com um apelo religioso. Fizeram-no atentos tão somente ao *homo economicus*, o consumidor. O *homo religiosus* foi privado da conexão com o sagrado apesar do pretexto veiculado de serem viagens de peregrinação. Portanto o que se faz é turismo (religioso?), ou melhor: uma busca turística do sagrado. Mas afinal isso existe?

Uma viagem de fé é bem mais que uma oportunidade de súplicas *in loco* aliada a uma miríade de atrações, deslumbramentos e diversões (também nos referimos aos aborrecimentos), em geral não é facultado ao viajante o experimento da espiritualidade intrínseco às peregrinações. Ademais há que se ponderar: querem eles isso? Como diz Antoniazzi (1998) “Dramas e angústias não deixam tempo para aguardar uma resposta mais elaborada: querem que a fome de felicidade, de salvação, seja saciada já, imediatamente”. O turismo criou essas jornadas para suprir um estado de necessidades imediatistas. Sendo assim vai-se intimidar o sagrado a lhe pedir benesses, adquire-se objetos “bentos” à guisa de se levar o sagrado e manipulá-lo sempre que se o desejar, uma espécie de sorte sempre ao alcance, e essa privatização do sagrado parece querer pô-lo a serviço sem oferecer sequer uma contrapartida. Dir-se-ia que “O turismo cada vez mais se assemelha a uma fuga em massa em face às realidades cotidianas, ele leva em direção ao imaginário”. (KRIPENDORF, 2000, p.176). Surge então a grande interrogação: Peregrinar e turismo são compatíveis?

Não como vai sendo feito. A perda da consistência do que é o ato de peregrinar e, por conseguinte, a do seu sentido vai enfraquecendo-o pelas suas práticas e pelos seus sucedâneos. Há um vazio desesperado de sentido e essas vão sendo tentativas frenéticas de se substituir um vácuo espiritual por substitutos.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho a metodologia aplicada foi a de consulta bibliográfica para se elencar o foco do trabalho com opiniões de diversos autores. Como há pouca literatura afim utilizou-se também sites da Internet na pesquisa dando apoio às argumentações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às questões que nortearam este estudo acredita-se que, pelo aqui exposto e discutido, este trabalho cumpriu o que se propôs, ou seja: ponderar que não existe peregrinação no âmbito do turismo. Sem a espiritualidade que seria inerente à sua dimensão religiosa elimina-se o seu sentido. Essas viagens “religiosas” por carecerem de um norteamento neste sentido mesmo aquelas que são conduzidas por religiosos não são peregrinações de fato. Em verdade são mobilizações turístico-religiosas, em que a religião é um pretexto, mas não a via de condução do viajante. Urge, portanto, uma releitura, uma readequação necessária e inequívoca à sua essência. Este trabalho propõe um caminho; o de se repensar os descaminhos que levaram à banalização do ato de peregrinar e de se caracterizar essas viagens como turismo de afinidade cultural-religiosa visitando os terrenos religiosos, tão somente. Portanto, conclui-se que devem ser chamadas de peregrinações somente aquelas que de fato sejam coerentes com o viés religioso que as torna pertinentes. A não poder se prolongar portanto, esse equívoco de serem chamadas de peregrinações todas essas digressões turísticas que apenas visitam o terreno religioso sem terem o sagrado como meta.

REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Alberto. **A Sedução do Sagrado**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- AZLAN, Reza. **Deus-uma história humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- COLLI, Gelci. **Religiões do Oriente**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANCISCO, PAPA. **Audiência Geral**. 2019. Disponível em <https://noticias.cancaonova.com/papa/nao-sejam-turistas-religiosos-pede-o-papa-na-catequese/>. Acesso: em 23 dez.2020.
- GIL, Gilberto. Andar com fé. **Um Banda Um**. [Rio de Janeiro], CD. WEA, 1982.
- GIL FILHO, Sylvio. **Espaço Sagrado**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.
- HITCHCOCK, Susan; ESPOSITO, John. **História das religiões - onde vive Deus e caminham os peregrinos**. São Paulo: Abril, 2015.

KRIPENDORF Jost. **Sociologia do Turismo**: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

MARINHEIRO, Carlos. Sobre conceitos de peregrinações. Disponível em: ciberduvidas. iscte.iu.pt. Acesso: em 26 nov. 2020.

MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria**: uma narrativa de viagem aos lugares santos. Uberlândia: Edufu, 2017.

NUNES Jr, **Relíquia**: o destino do corpo na tradição cristã. São Paulo: Paulus, 2013.

RANGEL, Rodrigo. **Ritos, mitos e símbolos**. Curitiba: Apostila UNINTER, 2020.

RIEGER, Joerg. **Fé e viagens no mundo globalizado**. São Paulo: Paulus, 2014.

RIVIERE, C. **Representação do espaço e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

RÜPPEL JUNIOR, Ivan Santos. **Dos vedas ao hinduísmo**: Literatura e Hermenêutica. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SOUDEN, David. **Pelos caminhos da fé**. São Paulo: Rosari, 2007.

WALKER. **Pelos caminhos de Jesus**. São Paulo, Rosari, 2009.